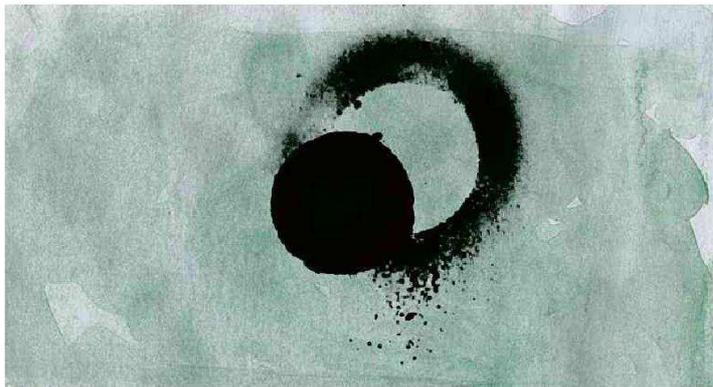


## poder



Juliana Freire

## Os BolsoLulas

Até agora, o radicalismo da inépcia foi monopólio do governo

Elio Gaspari

Jornalista, autor de cinco volumes sobre a história do regime militar, entre eles "A Ditadura Encurralada"

Em abril de 2018, horas antes de se entregar à Polícia Federal, Lula discursou para sua militância diante do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e disse que "eu não sou um ser humano, sou uma ideia". Foi adiante:

"Eu fico imaginando o tesão da Globo colocando a minha fotografia preso. Eles vão ter orgasmos múltiplos. (...) Eles têm de saber que vocês, quem sabe, são até mais inteligentes que eu, e queimar os pneus que vocês tanto queimam, fazer as passeatas, as ocupações no campo e na cidade; parecia difícil a ocupação de São Bernardo, e amanhã vocês vão receber a notícia que vocês ganharam o terreno que vocês invadiram".

Era sonho. Lula foi para a cadeia, ninguém foi para a rua, seu candidato a presidente foi derrotado por 55% a 45% e em janeiro de 2019 o capitão Jair Bolsonaro tomou posse na Presidência da República. Logo o capitão,

que Lula achava fácil derrotar. Passaram-se dez meses, Lula conta o tempo para deixar a carceragem de Curitiba e os Bolsonaro deixaram na porta da sua cela a bandeira da pacificação. Num país com 12 milhões de desempregados eles brigam aqui e alhures, para nada. Se Lula vai empunhar essa bandeira, só ele sabe, mas vale a pena lembrar que há poucas semanas o PT foi para a avenida Paulista com poucas camisas vermelhas. A deputada Gleisi Hoffmann vestia uma camiseta branca com o rosto de Lula enfeitado por flores.

Em sua entrevista a Leda Nagle, o deputado Eduardo Bolsonaro disse que "vai chegar um momento em que a situação vai ser igual ao final dos anos 60 no Brasil, quando sequestravam aeronaves, quando sequestravam-se e executavam-se autoridades, consules, embaixadores, com execuções de policiais e de militares. Se a esquerda ra-

dicalizar a esse ponto, a gente vai precisar de uma resposta. Ela pode ser via um novo AI-5".

Eduardo Bolsonaro corrigiu-se e seu pai condenou a fala. Mesmo assim deve-se registrar que no final dos anos 60 havia também um terrorismo de direita, cujo núcleo clandestino era composto por militares e civis. Era menos letal, mas buscava estimular a tensão política.

O nervo da formulação doputadosteve na frase "se a esquerda radicalizar". E se a esquerda não radicalizar? Até agora, o radicalismo da inépcia foi monopólio do governo. Ademais, o último atentado terrorista ocorreu no Brasil, em 1981, foi a bomba do Riocentro, mas ele saiu do DOI-Codi do 1º Exército. Há radicais na esquerda, mas no Brasil o que está na vitrine é outro radicalismo tosco, demóforo e desorientado. Ele teceu a bandeira da pacificação, levou-a a Curitiba de deixou-a na porta da cela de Lula.

## Porteiros e polícia

Além do fantasma de Marielle Franco, outra assombração ronda o movimento de carros no condomínio onde vivem Jair Bolsonaro e o militante Ronnie Lessa no dia do assassinato da vereadora. É o risco de que acabe sobrando para o porteiro que registrou a entrada de Élcio Queiroz na propriedade.

Não se sabe o que aconteceu naquele dia, mas uma velha história ensina que polícia e porteiros produzem situações fantásticas. Em maio de 1976, Iris Coelho, ex-secretária do general Golbery do Couto e Silva e do presidente Castello Branco, escreveu-lhe uma carta contando o que havia acontecido ao porteiro de seu edifício. Haviãam roubado objetos de carros que estavam

na garagem e ele foi preso. Com 11 anos de serviço e pai de três filhos, saltaram no 24 horas depois: "O pobre estava todo machucado, os tímpanos perfurados. Aplicaram-lhe choque, bateram-lhe a cabeça contra a parede. Foi fichado como ladrão de automóveis e arrombador".

Iris não era uma novata. Depois de uma audiência com o embaixador soviético, Castello chamou-a para ditar uma minuta da conversa secreta.

Passaram-se seis meses e o governador do Rio remeteu o resultado da investigação a Golbery, o então poderoso Chefe da Casa Civil da Presidência. Resultava que depois de novos depoimentos e acareações, a polícia apurou o seguinte:

1- O porteiro disse que conversou com Iris, expressou-se mal ou ela não entendeu o que ele falou. Além disso, não a autorizou a fazer qualquer reclamação.

2- As marcas que tinha pelo corpo eram produto de uma alergia.

Iris Coelho voltou a escrever: "Sinto muito, acredite que lastimo realmente ter sido causa de tanto trabalho e perda de tempo. Do modo como o processo se encaminhava, achei que a melhor solução seria aquela que foi dada na acareação com o porteiro.

Cria-me, aprendi uma grande lição."

Seja qual for versão, sempre que se chega à conclusão de que o porteiro mentiu, vale a pena perguntar quem estava interessado nisso.

## Cronologia

A urucubaca que assombra os Bolsonaro por causa de suas relações com o ex-PM Fabrício Queiroz brotou em dezembro do ano passado, duas semanas antes da posse do capitão, quando a família decidiu blindá-lo.

## Bolton e Vindman,

dois servidores  
O escalafônico telefonema do presidente americano Donald Trump ao seu colega

ucraniano provocou a abertura de um processo de impeachment, mas a levianidade das transações em que a Casa Branca estava metida já havia sido formalmente denunciada em duas ocasiões. Nos dois casos, o serviço público civil e militar americano deu lições de conduta.

No primeiro, a iniciativa foi de John Bolton, aquele embaixador de bigodão branco, conservador xiita, verdadeiro Cão da Terceira Hora. Ele era o conselheiro de Trump para assuntos de segurança nacional e no dia 10 de julho, duas semanas antes do fatídico telefonema, percebeu que se cozinhava uma maracatuia com os ucranianos. Pediu a uma assessora que narrasse ao advogado da Casa Branca o que ouvira numa reunião.

O tenente-coronel Alexander Vindman, que cuidava de assuntos ucranianos no Conselho de Segurança Nacional, também considerou impróprias as conversas com os ucranianos e contou-as ao advogado do Conselho de Segurança Nacional.

Bolton é um republicano de quatro costados e Vindman é um oficial do Exército condecorado por ferimentos sofridos no Iraque. Ambos são servidores públicos, mas servem ao Estado. Vindman já depois na Câmara e Bolton já foi convocado. Tomara que fale.

Semanas depois do telefonema de Trump, um terceiro servidor, da Central Intelligence Agency (CIA), denunciou todo o esquema. Tudo dentro das normas da disciplina e da cadeia de comando.

## Boitatá existe

O ministro Abraham Weintraub não acredita na existência da Boitatá, a serpente de fogo que ataca os inimigos da floresta.

Na Califórnia, por pouco o fogo da mata não chegou ao Museu de Ronald Reagan, o primeiro presidente americano (1981-1989) a desafiar os ambientalistas. Lá riposam seus restos mortais, o avião presidencial que usava, e sua mulher Nancy.

## 'Guardião da floresta', líder indígena é morto em conflito com madeireiros

Paulo Paulino Guajajara foi atingido na sexta (1º), no MA; outro integrante do grupo foi ferido

Cristina Camargo e Rubens Valente

SÃO PAULO E BRASÍLIA O líder indígena Paulo Paulino Guajajara foi morto na sexta-feira (1º) em um confronto com madeireiros na Terra Indígena Araribóia, na região de Bom Jesus das Selvas, no Maranhão. Ele era integrante de um grupo de agentes florestais indígenas autodenominados "guardiões da floresta".

A informação foi confirmada pelo governo do Maranhão, por meio da Secretaria de Estado dos Direitos Humanos e Participação Popular.

A pasta disse ter recebido a informação de que houve confronto depois de uma emboscada: cinco homens armados teriam cercado e disparado contra os indígenas.

Além de Paulino, o líder indígena Laércio Souza Silva sofreu ferimentos graves e um madeireiro estava desaparecido. A secretaria estadual informou no final da manhã deste sábado (2) que Laércio havia obtido alta hospitalar.

Nas redes sociais, o ministro Sérgio Moro (Justiça e Segurança Pública) afirmou que

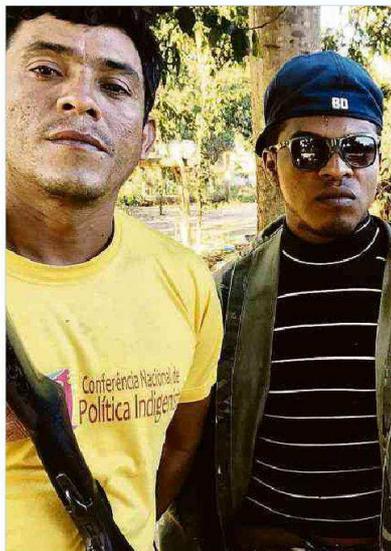
a Polícia Federal "irá apurar o assassinato do líder indígena" e não poupará esforços "para levar os responsáveis por este crime grave à Justiça".

O indigenista Carlos Travassos, que conversou ao telefone com Laércio na madrugada, disse que o indígena relatou que ele e Paulo Paulino foram visitar uma aldeia "e na volta pararam para caçar, levar comida para casa, alimentar os filhos".

"Quando eles chegaram na região conhecida como Cascudo, que é uma antiga casa do Paulo, foram surpreendidos por não indígenas armados. Eles tentaram render os indígenas e acabou ocorrendo um tiroteio. Quem deu os primeiros tiros foram os madeireiros, atiraram na região do peixe do Paulo, que não se mexeu mais", disse Travassos.

"O Laércio foi baleado nas costas e no braço. Ele conseguiu chegar à aldeia sozinho e foi para Imperatriz [receber atendimento]", afirmou.

A terra indígena Araribóia é alvo de constantes invasões de madeireiros, o que também ameaça uma etnia de recente contato e outra parte ainda



Paulo Paulino (à dir.) e Laércio Souza Silva Scott Wallace

não contactada, dos awá-guajá. Segundo Travassos, as invasões de madeireiros à terra indígena se intensificaram a partir de janeiro deste ano.

Em resposta às constantes invasões, os indígenas organizaram um grupo de fiscalização e controle das próprias terras, batizado de "Guardiões da Floresta".

Durante a madrugada deste sábado (2), a morte do líder indígena provocou manifestações de organizações não governamentais como o Greenpeace e de lideranças como Sônia Guajajara, coordenadora da Apib (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil).

As terras indígenas do Maranhão sofrem invasões de grileiros e madeireiros há décadas e desde 2012 os chamados "guardiões da floresta" tentam proteger a região por conta própria, expulsando os invasores. O grupo é formado por 180 indígenas e realiza ações noturnas contra madeireiros.

"Repudiamos toda a violência gerada pela incapacidade do Estado em cumprir seu dever de proteger este e todos os territórios indígenas do Bra-

sil e exigimos que sejam tomadas imediatas ações para evitar a ocorrência de mais conflitos e mais morte na região", diz nota divulgada pela ONG Greenpeace.

A líder Sônia Guajajara, que foi candidata a vice-presidente pelo PSOL em 2018, comunicou a morte de Paulino no final da noite de sexta-feira e pediu um basta ao "genocídio institucionalizado".

"Parem de autorizar o derramamento de sangue de nosso povo", escreveu Sônia nas redes sociais.

O ISA (Instituto Socioambiental) também lamentou a morte de Paulino durante a madrugada.

"Luto na Terra Indígena Araribóia. Toda a força aos guardiões da floresta do povo Guajajara, que protegem a floresta, seu território e os parentes isolados Awá Guajá", diz nota divulgada pelo instituto.

De acordo com informações do ISA, os Guajajara são um dos povos indígenas mais numerosos do Brasil.

Também em nota, César Muñoz, o pesquisador sênior da ONG Humans Right Watch pediu que as "autoridades realizem uma investigação completa e independente sobre o ataque", com punição aos responsáveis, e deem "proteção imediata ao povo Tenetehara".

"O Brasil precisa adotar medidas urgentes contra os madeireiros que intimidam, ameaçam, atacam e até matam aqueles que, como Paulo Paulino e Laércio, tentam proteger a floresta, que é patrimônio de todos os brasileiros."